

ALI DUAJI
PÉRIPLO
PELOS BARES
DO MEDITERRÂNEO
E OUTRAS HISTÓRIAS

Traduzido do árabe (Tunísia)
por Hugo Maia



ÍNDICE

NOTA BREVE SOBRE O AUTOR	7
PÉRIPOLO PELOS BARES DO MEDITERRÂNEO	15
A viagem até à Córsega.....	17
Nice.....	23
No <i>Angkor</i>	28
Nápoles.....	30
Regresso a Nápoles	35
Rumo ao Pireu.....	38
E de seguida para Atenas	40
Porque troquei o guia por uma guia	43
A Acrópole.....	46
O Dardanelos – vinte metros de água no máximo separam o Ocidente do Oriente..	50
Alvorada sobre as almádenas de Istambul....	56
Istambul	61
Pelas ruas de Istambul	67

De Istambul até Esmirna – o enjoo do mar . . .	76
Esmirna	81
O TIO GIACOMINO	83
A MINHA VIZINHA	93
RAMADÃO	103
ELE FAZ-ME PASSAR NOITES EM BRANCO	113
O SEGREDO DO SÉTIMO QUARTO	121

PÉRIPOLO PELOS BARES
DO MEDITERRÂNEO



A viagem até à Córsega

Não sei ao certo por onde começar este relato... Tudo o que sei foi que decidi escrever sobre esta viagem que fizemos no Verão do ano de 1933.

Depois desta decisão, lancei mãos à obra. A concretização das ideias não é tão fácil quanto a decisão de as pôr em prática. A dificuldade advém do facto de eu não ter o hábito de organizar nem as minhas obras, nem as minhas ideias. Desde que nasci sou anárquico. Nos meus tempos de infância, se havia fruta em cima da mesa, tinha por gosto começar a refeição pela sobremesa. Ainda hoje, começo a ler qualquer poema pelo fim, pela assinatura do autor. Trata-se, sem dúvida, admito, de um defeito, mas não faz parte das minhas intenções corrigi-lo.

O importante é fazer uma descrição fiel, sem exageros nem fantasias.

E por falar na fidelidade do presente relato, admito desde já que não irei referir o que estais habituados a ler em livros de viagens sobre as curiosidades dos museus ou aquilo que produzem as fábricas, nem sobre as profundezas dos mares ou as maravilhas da natureza, nem sobre montanhas elevadas ou grutas profundas.

Não mencionarei nenhuma dessas coisas, pois sinto que se o fizesse iria misturar o que escrevo com o que já li sobre essas «maravilhas», e, se assim fosse, aconteceria o que eu mais receio: o relato da viagem seria apenas fiel à mentira.

Também não irei descrever as ruas, as praças, os jardins e os edifícios. São coisas que se assemelham entre si em qualquer lugar, e eu não seria hábil a usar a caneta com esse propósito, mesmo tendo em conta que alguns leitores julgariam úteis essas descrições.

Assim, por estas razões, absteve-me de o fazer, pois realizei esta viagem para me divertir e, ao relatá-la, não tenho outra ambição que não seja a de divertir também o leitor. Para quem, pelo contrário, desejar ter acesso a numerosas informações úteis ou estar a par dos acontecimentos importantes, aconselho a Sua Excelência a consulta dos jornais diários e afins, até porque nas reportagens que neles se encontram sobre a Sociedade das Nações há matéria suficiente para o tornar um filósofo do gabarito de Nietzsche em menos de vinte e quatro horas.

Escolhi o título *Périplo pelos Bares do Mediterrâneo* por ser esclarecedor em relação ao que verdadeiramente fizemos durante o nosso périplo pelos portos deste esplêndido mar, dos quais nada vimos a não ser os bares e os cafés. Não me parece que falar sobre eles cause desagrado a alguém... nem àqueles que terminarão o prazer desta leitura exclamando: «Em Deus procuro refúgio de Satã, o maldito!»



Estamos num navio que sulca montanhas de ondas estrondosas, que depois se voltam a colar após a passagem da hélice de aço que roda tal como o inevitável destino.

À nossa frente, há numerosos países sobre os quais não sabemos nem muito nem pouco, tal como não temos conhecimento dos costumes e das línguas dos seus povos. Assim, à nossa frente há um tremendo sinal de interrogação que começa em França, passa por Itália, Grécia, Turquia e Levante⁽¹⁾, e cujo ponto – pelo menos na minha perspectiva – é a cidade de Alexandria, a última desta nossa viagem e também a mais importante.

(¹) Por Levante (*ash-Shām* em árabe), também ocasionalmente chamado Grande Síria, entende-se aqui um conjunto territorial englobado a este do mar Mediterrâneo, a sul dos montes Tauro, a oeste do rio Eufrates e a norte do deserto Árábico, região esta que hoje em dia inclui países como a Síria, o Líbano, a Palestina, Israel, a Jordânia, assim como algumas partes do sul da Turquia. (N. T.)

Encontrava-me estendido numa cadeira confortável, com as praias da desolada ilha da Sardenha à minha frente, e, ao meu lado, estava um indivíduo suíço que falava comigo sem que eu entendesse coisa alguma do que dizia, e isto porque me interpelava numa língua internacional – foi isso, aliás, que me fez pensar que ele seria suíço –, sendo que o seu modo de falar era uma mistura de várias línguas do mundo antigo e moderno. Por outro lado, havia também mais uma razão para que eu «não entendesse coisa alguma do que dizia»: a atenção do meu pensamento estava desviada para o que nos iriam revelar o barco e o comboio de alguns dos países que eu tanto sonhara visitar, sendo que agora o meu sonho estava prestes a realizar-se.

Lá estávamos nós a ver uma terra a aparecer entre o céu e o mar, quando um dos marinheiros disse «É a ilha da Córsega», dando-me vontade de gritar a plenos pulmões «Terra! Terra!», como antes gritara Cristóvão Colombo, se o suíço não tivesse impedido o grito de quem queria gritar. Aproximámo-nos de forma a ser possível observar a ilha de perto e distinguir claramente as casas e os campos. Então, agarrei nos binóculos de um dos companheiros de viagem e pus-me a observar a costa... *Não⁽²⁾ discerni sinal algum nem prova que*

⁽²⁾ O seguinte excerto em itálico não consta na segunda edição deste relato – publicado na revista *Al-Mabāḥith* entre Julho e Setembro de 1944, nem na maior parte das edições posteriores, mas encontra-se

confirmasse que aquela era mesmo a ilha da Córsega, instalando-se a dúvida na minha mente. Encetei conversa com o suíço sobre esta matéria e disse-lhe:

— Não vejo gendarmes na costa, como podem então afirmar que esta é mesmo a ilha de Napoleão?

Pela primeira vez, o suíço ficou atónito e disse:

— Como assim? Será que pensa que a ilha é habitada exclusivamente por gendarmes?

— Não foi isso que eu disse, a fama original da ilha veio do seu honrado filho, Napoleão, que já morreu há um século e que eu obviamente não espero encontrar. No entanto, a fama da ilha hoje em dia deve-se mais aos seus audaciosos salteadores, ladrões e contrabandistas. Bem sabe que onde quer que estejam esses distintos senhores encontram-se também gendarmes e polícias de todo o género e feitio... Não vi nem um traço da sua presença, foi isso que me fez duvidar.

Com isto o suíço largou uma risada saxónica e uma gargalhada latina – o que é um sinal de que este indivíduo é, sem dúvida alguma, de Génova – e de seguida disse:

da primeira edição publicada na revista *Al-'ālam al-'arabī*, entre Setembro de 1935 e Fevereiro de 1936. Apesar de esta tradução seguir a segunda edição, onde foram feitas algumas correcções menores, sobretudo de ordem ortográfica, decidiu-se incluir este excerto da primeira edição devido ao facto de não se saber se a sua eliminação derivou ou não de uma decisão expressa do autor, que, na altura, ainda era vivo. (N. T.)